

## **Simpósio 17 - Poéticas do Insólito: Mulheres Reescrevendo Violências e Reexistências**

**Ricardo Celestino (PUC)**

**Claudiana Gois dos Santos (USP)**

Na literatura brasileira contemporânea, diversas obras de autoria feminina reelaboram, por meio do insólito, experiências de violência, silenciamento e vulnerabilidade vividas por mulheres e outros grupos minorizados. Em textos como *Asma*, de Adelaide Ivánova (2024), *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso (2021), *Cidades afundam em dias normais*, de Aline Valek (2020), *Carga viva*, de Anna Rusche (2025), *Porém bruxa*, de Carol Chiovatto (2023), e *Como nascem os fantasmas*, de Verena Cavalcanti (2025), o cotidiano torna-se espaço de ameaça: figuras familiares, vínculos afetivos, relações de trabalho e dispositivos institucionais assumem papéis de agentes da violência. Soma-se a essas produções a poesia musical de Katu Mirim, que traz elementos de ficção científica para tensionar colonialidade, ancestralidade e violência estatal, ampliando o campo estético-político do insólito. No âmbito deste simpósio, interessa-nos priorizar pesquisas que compreendam o insólito como modo de enunciação, em diálogo com David Roas, Irène Bessière, Remo Ceserani, Flavio García e Marisa Gama Kalil. Nessa perspectiva, o insólito opera por variações de grau, tensões entre ordens incompatíveis e estratégias discursivas que desestabilizam sistemas de sentido aparentemente estáveis. Como ponto de partida — embora não limitador — consideramos também as reflexões de María Lugones, cujo pensamento de fusão evidencia como diferentes cosmovisões moldam experiências femininas atravessadas pela colonialidade, abrindo caminhos para discutir memória, política e resistência decolonial. Convidamos pesquisadoras e pesquisadores a submeterem trabalhos que dialoguem com o insólito ficcional, a autoria de mulheres e as representações literárias da violência articuladas aos debates sobre memória, política e resistência decolonial.

Palavras-chave: insólito ficcional; autoria feminina; resistência decolonial; memória; violência patriarcal.